

Efeitos foram limitados e restritos a setores, conclui Bonelli

• De São Paulo

O impacto da abertura econômica sobre os ganhos de produtividade dos anos 90 foi limitado no tempo e restrito a alguns setores. A conclusão — polêmica — está no estudo sobre produtividade desenvolvido pelo professor e pesquisador do Ipea, Regis Bonelli.

Na análise do comportamento da produtividade em 42 setores, Bonelli separou os 31 nos quais há comércio com o exterior. Em 14 deles, ele identificou um cresci-

mento expressivo do percentual de participação das importações no consumo doméstico (produção local mais importações), mas em quatro (indústrias diversas, farmacêutica, plásticos e têxteis) os ganhos de produtividade foram inferiores à média do país, que foi de 1,8% ao ano.

Na outra dezena, os importados ganharam espaço ao mesmo tempo em que a indústria local acumulava ganhos expressivos de produtividade. Isso ocorre, entre outros, na indústria automobilística,

equipamentos elétricos e máquinas e tratores.

No segmentos de equipamentos elétricos, a participação da importação no consumo doméstico praticamente triplicou: passou de 8,9% do total em 1990 para 22,8% no ano 2000. Ao longo da década, a produtividade das empresas locais deste segmento aumentou expressivos 8,6% ao ano.

A mudança no mercado de automóveis, caminhões e ônibus também é expressiva. Em 1990, os importados representam apenas 0,5%

da produção doméstica. Em 2000, sua fatia no mercado já havia crescido para 11,8%. Ao longo deste período, a indústria local não ficou parada e acumulou ganhos anuais de produtividade de 8,3%.

A abertura, diz Bonelli, teve um papel importante nos ganhos de produtividade nos anos 90 pelo crescimento de máquinas importadas nas linhas de produção e pela incorporação de peças e componentes tecnologicamente mais avançados. Ele acredita que o país continuará acumulando ganhos, mas que eles

podem crescer em um ritmo inferior ao do período 1991-2000. "O nível de investimento está caindo e o dólar está muito elevado", observa.

Dólar caro, diz ele, encarece a importação de máquinas e equipamentos e a consequência pode ser um hiato tecnológico na indústria nacional. "A indústria brasileira não ficou parada tecnologicamente, mas ainda existe um hiato com o exterior e ele pode aumentar com a menor internalização de máquinas, equipamentos e componentes", observa Bonelli. (DN)